

ANÁLISE DO PERFIL DE ATLETAS DE CANOAGEM PARALÍMPICA COM A RESILIÊNCIA E PERCEPÇÃO DE RENDIMENTO ESPORTIVO: UMA PERSPECTIVA LINEAR E DE REDES BAYESIANAS

ANALYSIS OF THE PROFILE OF PARALYMPIC CANOE ATHLETES WITH RESILIENCE AND PERCEPTION OF SPORTING PERFORMANCE: A LINEAR AND BAYESIAN NETWORK PERSPECTIVE

Atletas de canoagem paralímpica: resiliência e percepção de rendimento

Juliana Rodrigues Ferreira Andrade

Glacithane Lins da Cunha

Jeferson Carvalho Coelho de Gois

Renata Costa Silva

Pedro André Da Silva Lins

Iaraildo Pereira de Carvalho

Leonardo Gasques Trevisan Costa

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, Pernambuco, Brasil

Resumo

Foi objetivo deste estudo analisar o perfil dos atletas de canoagem paralímpica com a resiliência e percepção de rendimento, como também comparar as variáveis em função do gênero e atletas medalhistas e não medalhistas. Trata-se de um estudo descritivo e quantitativo com delineamento transversal, onde participaram 40 atletas de ambos os sexos com deficiência física-motora e atuantes no campeonato brasileiro de canoagem paralímpica de 2023. Os instrumentos utilizados foram: anamnese; Escala de resiliência no esporte e o Questionário de percepção de rendimento no desporto. Foram realizadas análises descritivas para caracterização da amostra, como também testes inferenciais lineares de Shapiro-wilk e Mann-Whitney e análise não linear de redes bayesianas para as comparações. A maioria da amostra foi composta por: atletas homens; atletas com apresentação de paraplegia; e competidores de ambas modalidades (KL e VL). Dos 40 atletas, 22 foram medalhistas no campeonato brasileiro de 2023. Os resultados indicaram que as mulheres são mais sensíveis as variáveis de resiliência e percepção de rendimento, porém os homens apresentaram maiores índices de percepção. Quando os atletas ganham medalha, tendem a se perceberem melhor e ser mais resilientes. Conclui-se que a forma que percebem seu rendimento e sua resiliência influencia diretamente o seu desempenho, sendo importante que sejam feitas intervenções psicológicas direcionadas. Dessa forma, traçar o perfil dos atletas é vantajoso no sentido de reunir mais informações e compreender todo ambiente e fatores que podem influenciar no resultado final da competição, onde qualquer detalhe pode fazer a diferença entre a vitória e a derrota.

Palavra-chave: Atividade Motora Adaptada. Canoagem Paralímpica. Resiliência. Percepção de rendimento.

Abstract

The objective of this study was to analyze the profile of Paralympic canoeing athletes with resilience and perception of performance, as well as to compare the variables depending on gender and medal-winning and non-medal-winning athletes. This is a descriptive and quantitative study with a cross-sectional design, in which 40 athletes of both sexes with physical-motor disabilities and active in the 2023 Brazilian Paralympic canoeing championship participated. The instruments used were: anamnesis; Resilience Scale in Sport and the Sport Performance Perception Questionnaire. Descriptive analyzes were carried out to characterize the sample, as well as Shapiro-Wilk and Mann-Whitney linear inferential tests and non-linear Bayesian network analysis for comparisons. The majority of the sample was made up of: male athletes; athletes with paraplegia; and competitors from both disciplines (KL and VL). Of the 40 athletes, 22 were medalists in the 2023 Brazilian championship. The results indicated that women are more sensitive to the variables of resilience and perception of performance, but men showed higher levels of perception. When athletes win a medal, they tend to perceive themselves better and be more resilient. It is concluded that the way they perceive their performance and resilience directly influences their performance, and it is important that targeted psychological interventions are carried out. Therefore, profiling the athletes is advantageous in terms of gathering more information and understanding the entire environment and factors that can influence the final result of the competition, where any detail can make the difference between victory and defeat.

Keyword: Adapted Motor Activity. Paralympic Canoeing. Resilience. Perception of Income.

1 Introdução

O esporte paralímpico, em dado momento da história, se pautou nas práticas terapêuticas que tornou as questões de saúde e a convivência social prioridade dentro das modalidades esportivas voltadas para atletas com deficiência, e nesse sentido, o esporte passou a ganhar novos entendimentos dentro do contexto psicossocial, tornando o paratleta promotor de quebra de estigmas sociais e superação de barreiras no ambiente esportivo (Mauerberg-decastro, 2005; Silva; Drigo, 2012).

Além disso, o esporte a nível paralímpico demanda dos praticantes períodos de treinamentos exaustivos e diversas exigências para alcançar as expectativas do alto desempenho, o que pode causar esgotamento físico e mental rapidamente (Rosa *et al.*, 2020), tornando essa rotina e ambiente ainda mais desafiador e adverso (Sylta *et al.*, 2016).

Nessa perspectiva, existem estudos que confirmam que os atletas paralímpicos são submetidos a cronogramas de treinamentos superintensos, sendo comum treinadores precisarem lidar com cenários mais densos dentro do esporte, em consequência da inesgotável busca por perfeitas condições de desempenho em competições (Mauerberg-deCastro; Campbell; Mauerberg-decastro, 2016; Rosa *et al.*, 2020).

Sabe-se que situações estressoras dentro das competições de altíssimo nível demandam um perfil de atleta multifatorial, portanto, o conjunto de características ligadas ao atleta poderá influenciar no alcance daqueles desejados níveis ótimos de desempenho esportivo. Acredita-se que se apropriar no entendimento do perfil geral do atleta ajudará no caminho para o sucesso e bem-estar, pois este conhecimento possivelmente contribuirá para alcançar capacidades menos destrutivas na tomada de decisão em relação aos processos esportivos indesejados, que também envolvem estresse mental, tensões musculares, a falta de foco e atenção (Sarkar, 2017; Sarkar; Fletcher, 2014).

A partir disso, autores como Sanches (2007) e Moraes e Koller (2004), demonstraram que a prática esportiva pode ser uma ferramenta para desenvolver a resiliência. Com intuito de investigar o perfil de resiliência, Do Valle (2007) observou que atletas sob efeito de pressões e medo foram capazes de mediar as emoções que pudessem prejudicar sua atuação esportiva. Do ponto de vista de Roffé (2006), o desafio típico da psicologia do esporte é fazer com que os atletas consigam administrar condições de pressão e medo, independentemente de seus resultados, pois elementos como estes surgem a partir das exigências de terceiros ou por elevada autocobrança.

Estudos da última década em diante, como exemplifica Cevada *et al.* (2012), realizaram um comparativo de ex-atletas e não atletas, que resultou em uma maior satisfação na vida por parte dos ex-atletas de alto rendimento, desse modo, os autores demonstraram que o constructo de perfis mais resilientes podem favorecer os atletas em níveis emocionais e influenciar positivamente na qualidade de vida.

No contexto do esporte paralímpico, o perfil de resiliência e de percepção de rendimento ainda são componentes psicológicos pouco explorados na literatura, se comparado ao esporte olímpico, seja em esportes coletivos ou individuais. Considerando a modalidade da canoagem paralímpica, existe uma lacuna ainda maior de estudos específicos que investiguem sobre tais variáveis com ênfase na pessoa com deficiência e no perfil dos atletas atuantes em grandes competições, demonstrando a necessidade de mais investigações na área. Podemos acrescentar ainda que, levando em consideração a rotina exaustiva dos treinos, faz-se necessário compreender um pouco mais sobre o perfil comportamental do atleta diante de adversidades, visto que instabilidades emocionais podem ou não interferir nos resultados competitivos.

Com isso, o objetivo do presente estudo foi analisar o perfil dos atletas de canoagem paralímpica com a resiliência e percepção de rendimento esportivo em função do gênero e atletas medalhistas e não medalhistas.

2 Método

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo quantitativo com delineamento transversal, que se caracteriza por ser um método que fornecerá subsídios para compreender o comportamento dos indivíduos e fatores associados (Thomas *et al.*, 2012).

2.2 Amostra

Em um universo total de 55 atletas brasileiros, a amostra foi composta por 40 participantes, ou seja, por volta de 72% de participantes de ambos os gêneros, atuantes no campeonato brasileiro de canoagem paralímpica de 2023, com deficiência física-motora e faixa etária mínima de 18 anos. Salienta-se que todos os atletas inscritos no campeonato brasileiro foram convidados para participar, entretanto, infelizmente não houve aderência de aproximadamente 28%.

2.3 Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa

Para participação no estudo foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: possuir deficiência física-motora; estar filiado a clube ou associação esportiva de canoagem paralímpica; participar do campeonato brasileiro de canoagem paralímpica de 2023; assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Do mesmo modo, foram adotados os seguintes critérios de exclusão: não responder algum questionário de avaliação; não se sentir confortável para continuar na pesquisa e praticar alguma outra modalidade esportiva além da pretendida no estudo.

2.4 Aspectos éticos

A presente investigação obedeceu às diretrizes e normas que regulamentam a pesquisa com seres humanos (lei 466/12) e foi aprovada pelo Comitê de Ética do Centro Universitário FACOL – UNIFACOL (Parecer nº 65378222.0.0000.9907). Além disso, os voluntários que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.5 Procedimentos e local de coleta

Inicialmente, foi realizado um convite para a coleta de dados através de folder com informações gerais sobre o estudo, divulgado por meio de uma rede social em um grupo de comunicação formado por atletas e técnicos de todo país. No mesmo

momento, foi solicitado colaboração da organização do evento e dos técnicos presentes na competição para encorajarem seus atletas a participarem da proposta de pesquisa. O desenvolvimento da explicação mais detalhada do objetivo da pesquisa aconteceu presencialmente durante os intervalos de treinos e aquecimentos das equipes no ambiente comum da raia de competição.

Visando mitigar possíveis limitações, foram adotadas algumas estratégias: O procedimento da coleta de dados foi realizado entre os interessados no momento em que o atleta demonstrou disponibilidade de tempo para participação, além disso, foi feita a abordagem de maneira individualizada e sem tempo pré-determinado para conclusão. Os atletas tiveram a todo momento suporte dos pesquisadores durante o processo da coleta, caso fosse necessário esclarecer dúvidas ou questionamentos.

2.6 Instrumentos

2.6.1 Anamnese

Os voluntários foram convidados a responder uma anamnese contendo questões de identificação pessoal, gênero, data de nascimento, endereço, classificação da deficiência motora, etiologia da deficiência, tempo de deficiência (anos), classificação funcional, clube associado, ranking em competições e tempo de prática esportiva (anos).

2.6.2 Escala de resiliência no esporte

Para identificar a capacidade de resiliência dos atletas, foi aplicada a Escala de Resiliência no Esporte, que é um questionário estruturado e validado no Brasil (Bicalho, 2021). Na literatura não há indicações da aplicação desse instrumento em estudos de canoagem olímpica (convencional). Porém, já foi utilizado em outras modalidades individuais com atletas paralímpicos, como, por exemplo, um estudo da própria revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada (LELLYS *et al.*, 2023).

O atleta respondeu questões de acordo com sua experiência de vida dentro e fora do esporte, e pôde solicitar a qualquer momento ajuda na compreensão dos itens. A avaliação de resiliência é composta por 15 itens, com dimensões relacionadas a experiências esportivas, apoio social familiar, apoio social esportivo, recursos pessoais e competência, espiritualidade. As respostas seguiram uma escala likert de 0 (não concordo) e 5 (concordo totalmente).

2.6.3 Questionário de percepção de rendimento no desporto

Para identificar a percepção de rendimento no desporto, o atleta respondeu ao Questionário de Percepção de Rendimento no Desporto, sendo um instrumento composto por questões estruturadas e com adequados índices de validade (Lourenço, 2018), cuja consistência interna (fidedignidade) atingiu valor alfa (α) de Cronbach, que demonstra em níveis gerais que o questionário apresenta uma consistência interna “Boa”, com o alfa superior a .8 ($\alpha=.88$) (Lourenço, 2018). A avaliação deste questionário consiste em 5 questões com 5 intensidade (1 a 5) de concordância, no qual o atleta preencheu itens sobre satisfação competitiva, percepção de desempenho e nível de rendimento, fatores envolvidos na competência, motivação autônoma e rendimento. De acordo com estes itens, QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom”; QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição”; QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe”; QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem”; QPRD5 “Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento”.

2.7 Análise dos dados

Foi possível perceber que os dados não apresentaram normalidade a partir do teste de Shapiro-wilk. Dessa forma, foi realizada uma análise descritiva de mediana e quartis para apresentar o perfil dos atletas. Foi utilizado o teste de Mann-Whitney para comparar a resiliência e a percepção de rendimento dos atletas em função do gênero e medalhistas e não medalhistas. O software utilizado foi SPSS versão 22, sendo adotado um nível de significância de 5%.

Tendo em vista que o estudo apresenta uma amostra relativamente pequena (lembrando que a quantidade de atletas já é bem reduzida em comparação a atletas olímpicos), uma alternativa viável para um melhor aproveitamento dos dados é a aplicação das análises de redes bayesianas. As redes bayesianas têm como base o raciocínio probabilístico que quantificam a incerteza de possíveis estruturas de rede e parâmetros para que possa estabelecer a evidência estatística para a inclusão ou não das arestas, permitindo conclusões bem informadas (Huth, 2023).

A análise de rede Bayesiana foi utilizada para avaliar as relações das variáveis de percepção de rendimento e resiliência de homens e mulheres e de medalhistas e não medalhistas. A rede representa um conjunto de nós e arestas, onde os nós são entendidos como as variáveis e as arestas estabelecem as relações de um ou mais nós (Hevey, 2018). Por exemplo, os itens de percepção de rendimento e resiliência representam os nós do presente estudo, e as relações negativas e positivas entre os nós são as arestas.

Também foi utilizado o indicador de centralidade conhecido como influência esperada. Esse indicador nos fornece informação de qual variável é mais sensível às condições iniciais, onde uma mudança em uma variável pode causar uma perturbação em todo o sistema, fazendo com que o sistema se reorganize (Gleiser, 2002). Assim o papel das variáveis pode ser melhor compreendido, podendo ser utilizado para identificar áreas críticas na rede que podem ser otimizadas por meio de intervenção. No caso deste estudo, ao identificar qual dos itens de percepção ou das dimensões de resiliência é mais influente dentro desse sistema, é possível propor uma intervenção mais específica e eficaz ao atleta. O estimador Gaussian Copula Graphical Models (GCGM) foi aplicado, ele é utilizado em dados de diferentes naturezas (ordinais, binários e contínuos). As redes foram realizadas no programa JASP versão 0.17.3.0.

3 Resultados e discussão

Participaram da competição 55 atletas, nos quais 40 destes integraram essa pesquisa. Os demais atletas não foram localizados no ambiente comum das raíes de competição durante os treinamentos. Com isso, na Tabela 1 é possível identificar que os atletas tinham idade média de 34,59 anos, cerca de 16 anos de tempo de deficiência e 5 anos de tempo de prática na modalidade. A maioria da amostra foi composta por atletas homens (n=26). Em relação a deficiência, a maioria apresentou paraplegia (n=11). Em relação a classe funcional, a maioria competiu na categoria KL2 (n=12) e na VL3 (n=13) (as classes KL são referentes ao caiaque e as VL são referentes a canoa), visto que alguns atletas competem em mais de uma classe funcional. Dos 40 atletas atuantes, 22 foram medalhistas no campeonato brasileiro de 2023.

Quando considerada a análise dos resultados de acordo com o total de avaliados (Tabela 1), foi possível observar que o gênero masculino foi predominante na modalidade sendo 65% da amostra, tal achado pode ser explicado por ainda ser recente e ter baixa aderência feminina no movimento paralímpico (Goellner, 2006), embora essa realidade venha se modificando ao longo do tempo (De Sousa; Pinto, 2020). Pode-se justificar ainda este achado devido ao tipo de deficiência elegível na modalidade, sendo que o índice de acidentes de trânsito ou quedas é mais prevalente entre homens de até 35 anos de idade segundo o estudo de Campos *et al.* (2008), e mais recentemente o estudo de Buffon *et al.* (2021) reafirmou que tais fraturas continuam sendo mais frequentes entre os homens de até 41 anos de idade, atingindo principalmente a região da cervical e da lombar.

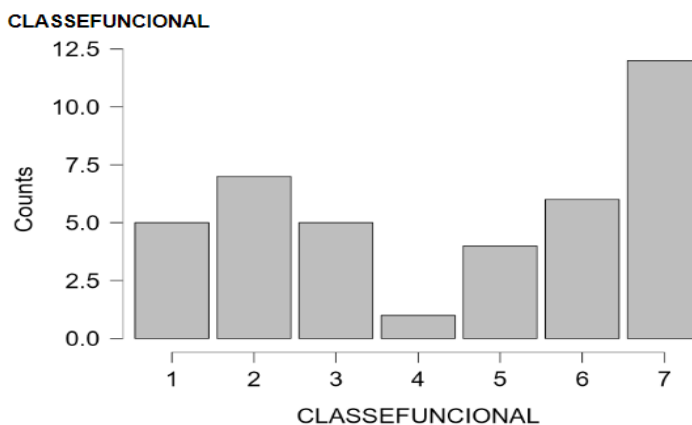
A respeito da idade relativa temos a média de 34,5 anos, além de cerca 16 anos de tempo de deficiência, onde a maioria possui deficiência adquirida, e 5 anos de experiência na modalidade, que evidencia maior maturidade esportiva. Ressalta-se a naturalidade nas faixas etárias mais avançadas no esporte paralímpico se comparado ao

esporte convencional, visto que as modalidades subdividem os atletas de acordo com a funcionalidade de suas habilidades relativas ao tipo de deficiência e ao desempenho desejável para a tarefa, com isso a quantidade de pessoas elegíveis para cada modalidade e classificações funcionais se torna menor do que os demais esportes convencionais (Tweedy; Vanlandewijck, 2009; Cardoso; Gaya, 2014). Ainda dentro do contexto da amostra analisada, pouco mais da metade recebeu alguma premiação dentro da competição, possivelmente pelo baixo quantitativo de inscritos por categorias, pois, em alguns casos, não ocorreram eliminatórias seguindo direto para as finais.

Sobre os tipos de deficiência, a que obteve maior quantitativo de pessoas foi a paraplegia (n=11), que compromete a função de movimento das pernas e em alguns casos, também parte do tronco. Normalmente atletas com este comprometimento funcional se encontra na categoria KL1, apesar disso, a categoria que obteve maior número foi a KL2 e a VL3, nestas classes existem uma variação maior de deficiências elegíveis para competir, o que pode justificar essa concentração de atletas.

Ainda foi realizada uma análise de frequência relativa demonstrando as classes funcionais dos atletas. Os grupos foram divididos de 1 a 7, sendo: 1=KL1 (capazes de utilizar apenas membros superiores); 2=KL2 (capazes de utilizar membros superiores e tronco); 3=KL3 (capazes de utilizar membros superiores, tronco e, parcialmente, membros inferiores); 4=VL1; 5=VL2; 6=VL3 e 7= atletas de KL e VL simultaneamente. Lembrando que KL são os atletas que remam em caiaques e VL são os que remam em canoas (Edwards *et al.*, 2019). Para a classificação do VL são utilizados critérios semelhantes aos KL. Vale salientar que dentro da canoagem paralímpica, os atletas podem competir em uma categoria KL (caiaque) e em outra VL (canoas) ao mesmo tempo, dessa forma, o comprometimento do indivíduo pode classificá-lo por exemplo para KL2 e VL2 ao mesmo tempo, como também para KL2 e VL3, dependendo das possibilidades de mobilidade dentro das embarcações. Isso é algo que acaba ocorrendo com bastante frequência dentro da modalidade. O que corrobora com os resultados encontrados no estudo, em que os dados da figura 1 demonstraram que a maioria dos atletas (12) fazem parte do grupo 7, composto por atletas praticantes de KL e VL.

Figura 1 - Gráfico de barras de classe funcional com base na frequência.



Fonte: elaboração própria.

Legenda e Descrição: A figura apresenta um gráfico de barras em cores cinzas. As barras vão do número 1 ao 7, correspondendo aos grupos de classe funcional, sendo eles: 1: KL1 (5.0). 2: KL2 (7.0). 3: KL3 (5.0). 4: VL1 (1.0). 5: VL2 (4.0). 6: VL3 (6.0). 7: atletas praticantes de KL e VL (12.0).

Tabela 1 - Características do perfil dos atletas brasileiros de canoagem paralímpica

Variáveis	n(%)	M(DP)
Idade		34.590 ± 8.893
Tempo de deficiência		16.470 ± 11.480
Tempo de prática		5.472 ± 3.970
Masculino	26(65%)	
Feminino	14(35%)	
Deficiência		
Alteração ortopédica	1	
Amputação	9	
Amputação bilateral	2	
Amputação transfemural	2	
Desarticulação coxa-femural	1	
Hidrocefalia	1	
Lesão medular	1	
Lesão parcial t5	1	
Má formação de MMII	5	
Monoparesia	1	
Paraplegia	11	

Poliomielite	2
Classe funcional	
KL1	7
KL2	12
KL3	10
VL1	2
VL2	8
VL3	13
Medalhistas	22
Não Medalhistas	18

Fonte: elaboração própria.

Legenda: KL: caiaque; VL: canoa; M: média; DP: desvio padrão

Além disso, também foi percebido que existe uma grande concentração de atletas nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do país (Tabela 2), coincidentemente tais localidades possuem clubes com os melhores resultados em campeonatos brasileiros de canoagem paralímpica, segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (2023). A tabela 2 apresenta os clubes e os estados em que os atletas estavam representando, sendo que a maioria competiu pelo IBRES (n=7), Londrina (n=5) e Rio Va'a (n=5) e 12 atletas representaram o Paraná, seguidos pelo Distrito Federal (n=7) e Rio de Janeiro (n=7).

Possivelmente a concentração de atletas nessas regiões decorrem das poucas possibilidades de desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, demonstrando dados preocupantes, pois estudos da última década já alertavam sobre esses enfrentamentos. Segundo o estudo de Silva *et al.* (2019) os estados não possuem distribuição igualitária de incentivos ao esporte adaptado, nessa mesma lógica, no estudo de Furtado (2017) notou-se que ainda não há infraestrutura e recursos financeiros suficientes para uma dedicação adequada ao esporte de alto rendimento dentro dos projetos para pessoas com deficiência em todas as regiões do país.

Tabela 2 - Frequência relativa e absoluta dos clubes e estados dos atletas de canoagem paralímpica

FEDERAÇÃO E CLUBES	N (%)
BAHIA	(7,5%)
Associação Cacaueira de Canoagem – ACC	1 (2,5%)
Associação de Canoagem de Itacaré – ACI	2 (5,0%)
DISTRITO FEDERAL	(17,5%)
Instituto Bombeiros de Responsabilidade Social - IBRES	7 (17,5%)
MATO GROSSO DO SUL	(7,5%)
Clube Estoril	3 (7,5%)
PARANÁ	(30%)
Clube de Regatas Cascavel – CRCasvavel	3 (7,5%)
Clube de Regatas Curitiba - CRCuritiba	3 (7,5%)
Iate Clube de Londrina	5 (12,5%)
PMSC	1 (2,5%)
PERNAMBUCO	(7,5%)
Associação Petrolinense de Atletismo - APA	3 (7,5%)
RIO DE JANEIRO	(17,5%)
Bra Náutico Clube – BRA Va'a	2 (5,0%)
Outrigger Rio Clube – Rio Va'a	5 (12,5%)
SANTA CATARINA	(2,5%)
Associação Náutica de Itajaí – ANI	1 (2,5%)
SÃO PAULO	(7,5%)
Associação de Funcionários Públicos de São Bernardo - AFPSBC	3 (7,5%)
TOCANTIS	(2,5%)
Associação de Canoagem de Porto Nacional - ACPN	1 (2,5%)

Fonte: elaboração própria.

Ao comparar a percepção de rendimento dos atletas por gênero, foi possível verificar que houve diferença estatisticamente significativa para os itens QPRD3 (Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe) ($U=120,0$, $p=,031$) e QPRD4 (Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem) ($U=11,0$, $p=,027$), onde os homens apresentaram maiores índices de percepção de rendimento ($MD=5,00$, $AI=1$), quando comparados com as mulheres ($MD=4,00$, $AI=2$) (tabela 3).

Tabela 3 - Teste de Mann whitney comparando as variáveis de percepção de rendimento e resiliência em função do gênero.

Variáveis	Mediana (AI)		U	p
	Mas	Fem		
Experiência esportiva	15,00 (2)	12,50(4)	131,5	,121
Apoio social familiar	14,00(5)	14,00(3)	168,0	,681
Recurso pessoal e competência	14,00(4)	12,00(3)	135,5	,180
Espiritualidade	15,00(3)	15,00(2)	169,5	,688
Apoio social esportivo	11,00(4)	12,00(5)	179,5	,942
QPRD1	4,00(2)	4,00(2)	164,5	,822
QPRD2	4,00(2)	3,00(1)	144,5	,260
QPRD3	5,00(1)	4,00(2)	112,0*	,031
QPRD4	5,00(1)	4,00(2)	111,0*	,027
QPRD5	5,00(1)	4,50(2)	154,0	,367

Fonte: elaboração própria.

Legenda: QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom”; QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição”; QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe”; QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem”; QPRD5 “Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento”. AI: Amplitude interquartil. U: valor de teste de Mann-Whitney. ** $p < 0,001$, * $p < 0,05$.

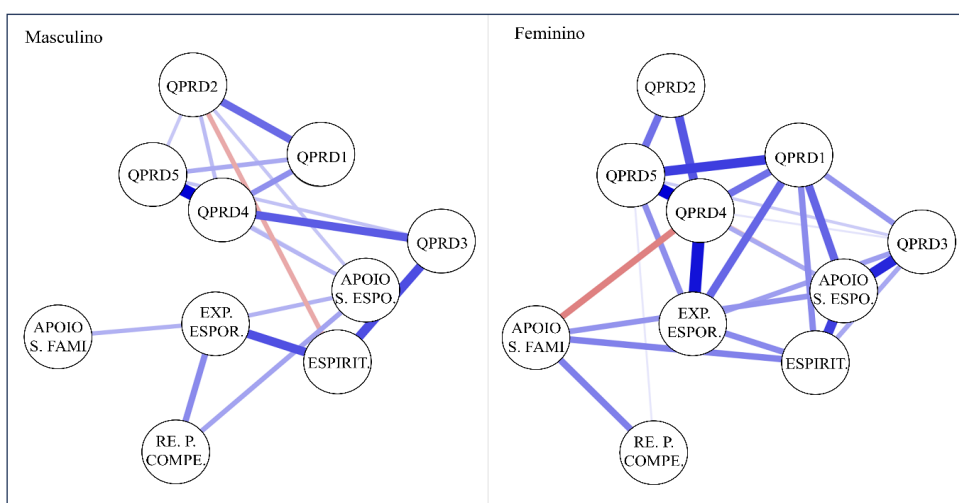
As relações se estabelecem de forma diferente para homens e mulheres (Figura 2). A rede das mulheres estabeleceu um sistema mais conectado e com relações mais fortes, indicando que possivelmente as mulheres são mais sensíveis que os homens as variáveis de resiliência e percepção de rendimento. Provavelmente, a questão social é um fator que influencia bastante, pois sabe-se que há uma visão estereotipada construída socialmente das funções que um homem e uma mulher desempenham enquanto indivíduo e sociedade. Os estudos mostram que desde muito cedo esse contexto estereotipado pode influenciar na forma como as crianças se percebem, em que meninos se percebem melhor, se sentem mais motivados, e isso reflete no seu desempenho motor e esportivo de forma positiva (True, 2017; Morano, 2020; Carcamo; Estevan; Herrman, 2020). Isso acaba refletindo na vida adulta. Como também, ainda na fase da infância, os meninos são mais associados a instrumentos que avaliam o produto, sendo habilidades que determinam a quantidade do movimento, como quão longe ela corre, essas habilidades de produto estão mais relacionadas ao esporte de rendimento (True, 2017).

Historicamente, o esporte emergiu em um contexto em que esses espaços esportivos eram palcos predominantemente para homens, por sua bravura e força. No entanto, apesar de se expandir aos anseios femininos, elas ainda eram vistas como frágeis, menos competitivas e ainda coadjuvantes em sua trajetória. Esses efeitos podem introjetar nas mulheres uma percepção prejudicada em função de comportamentos e

pensamentos machistas intrínsecos na sociedade. Ou seja, não raramente as mulheres acabam projetando em si estratégias de controle ou visões de desmerecimento de suas capacidades em função dos outros, não valorizando suficientemente suas contribuições para a equipe e realizações pessoais (Goellner; Fraga 2003; Goellner, 2021).

Além disso, ainda há outras explicações para tais diferenças de gênero como, por exemplo, o lado emocional e ansioso, as características de personalidade, saber se estão inseridos em esportes coletivos ou individuais e o desenvolvimento de habilidades psicológicas podem ser alternativas de influência no resultado (Bompa, 2002; Craft *et al.*, 2003; Filho *et al.*, 2005; Elferink-Gemser, 2005; Cox *et al.*, 2010). Dessa forma tornando a conquista na melhora de construtos, como autoconfiança, autoestima e percepção mais valiosa e muito importante para o seu desenvolvimento integral, no caso de atletas, isso se reflete em seu desempenho esportivo, em seu ganho de medalhas, estar no pódio pode ser um reflexo ao fato de ter uma boa percepção de rendimento e resiliência.

Figura 2 - Redes comparativas das relações entre as variáveis de percepção de rendimento e resiliência de homens e mulheres



Fonte: elaboração própria.

Legenda e Descrição: A figura apresenta duas redes uma ao lado direito (feminina) e outra ao lado esquerdo (masculina). Cada rede é composta por círculos, chamados de nós, que representam os itens componentes das variáveis de percepção de rendimento e resiliência, sendo interligados por arestas que representam as relações estabelecidas entre esses nós. As arestas apresentam espessuras diferentes, assim, quanto mais escuras e espessas, mais fortes são as relações, e vice-versa. As arestas também apresentam cores, as vermelhas são as relações negativas e as azuis são as relações positivas. Foram utilizados dez itens, 5 de cada variável, sendo os itens de percepção: QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom”; QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição”; QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe”; QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem”; QPRD5

“Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento”, e os itens de resiliência são: Apoio S. Fami “Apoio social familiar”; Exp. Espor. “Experiência esportiva”; Apoio S. Espo. “Apoio social esportivo”; Espit. “Espiritualidade”; Re. P. Compe. “Recurso pessoal e competência”.

De acordo com o teste linear de Mann whitney foi possível notar que não houve diferença significativa entre as variáveis de percepção do rendimento e resiliência do esporte e o fato de ser medalhistas ou não medalhistas (tabela 4). Porém quando aplicada a análise de rede Bayesiana, nota-se que os medalhistas estabelecem relações diretas e fortes entre as variáveis de percepção de rendimento e resiliência (Figura 3). Indicando que quando os atletas ganham medalha, tendem a se perceberem melhor e ser mais resilientes. Estudos apontam que pessoas que se percebem melhor e/ou são mais resilientes tendem a se engajar mais em atividades, como as esportivas, e se sentirem mais motivados a permanecer e alcançar o seu melhor desempenho (Cevada *et al.*, 2012; Bicalho *et al.*, 2022).

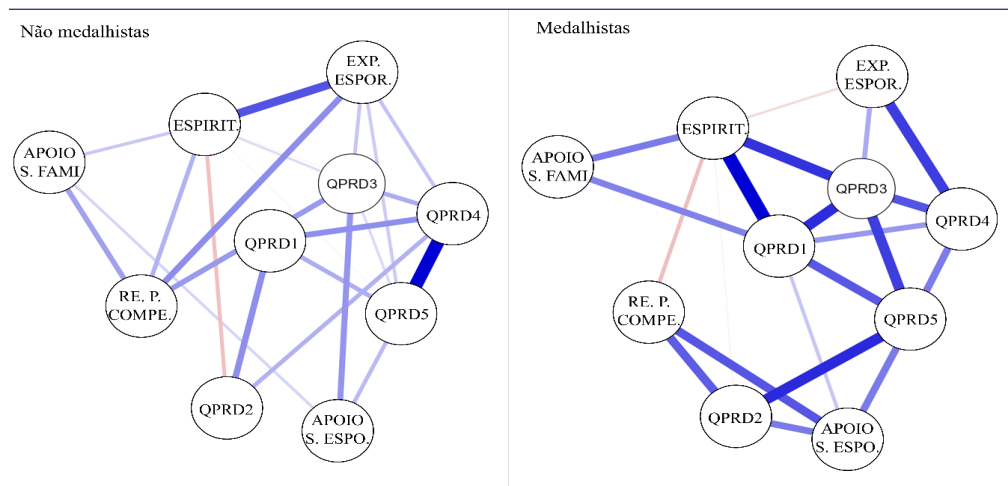
Tabela 4 - Teste de Mann whitney comparando as variáveis de percepção de rendimento e resiliência em função de medalhistas e não medalhistas

Variáveis	Mediana (AI)		U	p
	Não medalhista	Medalhista		
Experiência esportiva	15,00(2)	14,00(4)	158,0	,238
Apoio social familiar	14,50(4)	14,00(5)	161,0	,298
Recurso pessoal e competência	13,00(5)	13,00(4)	190,0	,825
Espiritualidade	15,00(2)	14,00(3)	165,5	,317
Apoio social esportivo	12,50(4)	11,00(5)	174,5	,510
QPRD1	4,00(2)	4,00(2)	189,5	,807
QPRD2	4,00(2)	3,00(2)	166,5	,364
QPRD3	5,00(1)	5,00(1)	171,0	,553
QPRD4	5,00(2)	4,00(1)	190,0	,812
QPRD5	5,00(2)	5,00(1)	170,0	,387

Fonte: elaboração própria

Legenda: QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom”; QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição”; QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe”; QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem”; QPRD5 “Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento”. AI: Amplitude interquartil. U: valor de teste de Mann-Whitney. ** $p < 0,001$, * $p < 0,05$.

Figura 3 - Redes comparativas das relações entre percepção de rendimento e resiliência de atletas medalhistas e não medalhistas.



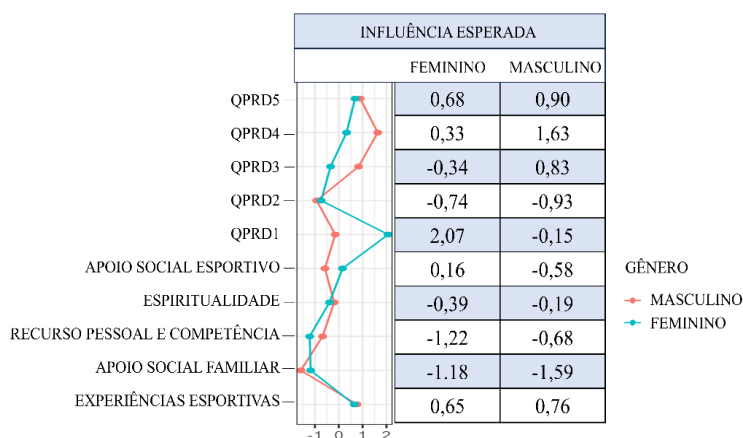
Fonte: elaboração própria.

Legenda e Descrição: A figura apresenta duas redes uma ao lado direito (medalhistas) e outra ao lado esquerdo (não medalhistas). Cada rede é composta por círculos, chamados de nós, que representam os itens componentes das variáveis de percepção de rendimento e resiliência, sendo interligados por arestas que representam as relações estabelecidas entre esses nós. As arestas apresentam espessuras diferentes, assim, quanto mais escuras e espessas, mais fortes são as relações, e vice-versa. As arestas também apresentam cores, as vermelhas são as relações negativas e as azuis são as relações positivas. Foram utilizados dez itens, 5 de cada variável, sendo os itens de percepção: QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom”; QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição”; QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe”; QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem”; QPRD5 “Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento”, e os itens de resiliência são: Apoio S. Fami “Apoio social familiar”; Exp. Espor. “Experiência esportiva”; Apoio S. Espo. “Apoio social esportivo”; Espit. “Espiritualidade”; Re. P. Compe. “Recurso pessoal e competência”.

As figuras 4 e 5 apresentam os índices de centralidade de influência esperada. As variáveis de percepção de rendimento QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem” e QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom” mostraram ser mais influentes tanto para homens (1,63) como para mulheres (2,07) respectivamente (Figura 4). Na figura 5 também foram as variáveis de percepção de rendimento que apresentaram maiores índices de influência tanto para medalhistas (1,47) quanto não medalhistas (1,63) também nos itens QPRD1 e QPRD4 respectivamente. Assim, considerar que fazem as coisas bem durante a competição e que seu rendimento está bom, são muito importantes para a percepção dos atletas influenciando diretamente o seu desempenho. O ideal é que sejam feitas intervenções

psicológicas em que evidenciem e incentivem esses comportamentos nos atletas de canoagem paralímpica, como também estratégias de coping. No estudo de Bicalho *et al.* (2022) mostram a importância dessas estratégias para a compreensão da relação dos atletas e de sua modalidade, observando seu engajamento e seu desenvolvimento, tendo em vista que o coping busca criar, aumentar ou manter a percepção do controle pessoal nas situações de estresse.

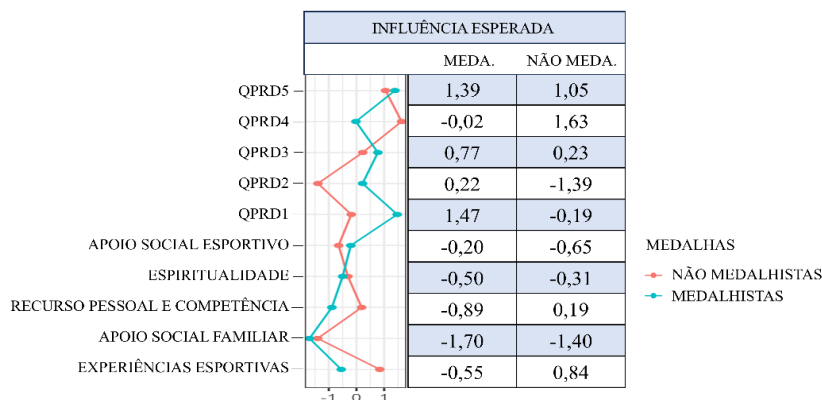
Figura 4 - Influência esperada das variáveis de percepção de rendimento e resiliência entre homens e mulheres



Fonte: elaboração própria.

Legenda e Descrição: A figura apresenta um gráfico ao lado esquerdo unido a uma tabela ao lado direito, com valores de influência esperada de homens (H) e mulheres (M). O gráfico apresenta duas cores, azul para mulheres e vermelho para homens. A variável de resiliência é composta por os itens: QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom” (F 2,07 e H -0,15); QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição” (F -0,74 e H -0,93); QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe” (F -0,34 e H 0,83); QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem” (F 0,33 e H 1,63); QPRD5 “Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento” (F 0,68 e H 0,90). A variável de resiliência é composta por as dimensões de: apoio social esportivo (F 0,16 e H -0,58), espiritualidade (F -0,39 e H -0,19). Recurso pessoal e competência (F -0,22 e H -0,68), apoio social familiar (F -1,18 e H -1,59) e experiências esportivas (F 0,65 e H 0,76).

Figura 5 - Influência esperada das variáveis de percepção de rendimento e resiliência entre atletas medalhistas e não medalhistas.



Fonte: elaboração própria.

Legenda e Descrição: A figura apresenta um gráfico ao lado esquerdo unido a uma tabela ao lado direito, com valores de influência esperada de medalhistas (meda) e não medalhistas (não meda). O gráfico apresenta duas cores, azul para medalhistas e vermelho para não medalhistas. A variável de resiliência é composta por os itens: QPRD1 “Considero que o meu rendimento está sendo bom” (meda 1,47 e não meda -0,19); QPRD2 “Estou satisfeito com os meus resultados na competição” (meda 0,22 e não meda -1,39); QPRD3 “Sinto que tenho colaborado com o meu esforço e as minhas atuações em competição para melhorar o nível competitivo do clube e da equipe” (meda 0,77 e não meda 0,23); QPRD4 “Sinto que durante a competição tenho feito as coisas bem” (meda -0,02 e não meda 1,63); QPRD5 “Sinto que estou contribuindo com um bom rendimento” (meda 1,39 e não meda 1,05). A variável de resiliência é composta por as dimensões de: apoio social esportivo (meda -0,20 e não meda -0,65), espiritualidade (meda -0,50 e não meda -0,31). Recurso pessoal e competência (meda -0,89 e não meda 0,19), apoio social familiar (meda -1,70 e não meda -1,40) e experiências esportivas (meda -0,55 e não meda 0,84).

Neste estudo podemos ressaltar algumas limitações, primeiramente relacionada ao quantitativo de avaliados, onde a priori, estatisticamente falando, o quantitativo amostral pode ter dificultado as interpretações dos dados, porém é algo que foi contornado com a escolha das redes bayesianas. Vale ressaltar que esta quantidade de atletas corresponde a maioria dos atletas brasileiros atuantes na canoagem paralímpica em 2023. Outro fato que limitou a aderência na pesquisa foram as equipes que optaram por treinarem fora da área comum fornecida pelo evento para treinos e preparação (a raia de competição), dificultando assim o acesso dos pesquisadores aos paratletas. Tendo em vista que essa área comum também seria utilizada para a coleta de dados.

Por outro lado, existem alguns pontos positivos interessantes a serem incluídos, por exemplo, a originalidade da temática dentro da modalidade da canoagem paralímpica, sabendo que são atletas profissionais, torna-se importante aprofundar o conhecimento sobre o perfil de atletas que estão inseridos neste esporte, a fim de entender quais fatores podem influenciar em um bom ou mau rendimento esportivo. Além disso, outra boa

opção foi a utilização da análise de rede bayesiana dentro desse contexto, visto que ela pode ser útil para amostras reduzidas por situações em que os dados são difíceis de conseguir (vale ressaltar que no meio paralímpico há uma quantidade bem inferior aos atletas olímpicos), como também para variáveis de diferentes naturezas (Hevey, 2018). Sabe-se também que as variáveis estudadas compõem construtos que podem ser entendidos como sistemas complexos.

Nessa perspectiva, os construtos de resiliência e percepção de rendimento são vistos como uma rede de variáveis, representados por sistemas dinâmicos não-lineares, complexos e adaptativos (Schmittmann *et al.*, 2013), que expressam algum tipo de ordem e que emergem espontaneamente da interação entre os diferentes fatores e/ou variáveis (Gleiser, 2002), permitindo uma maior obtenção de informações dos dados utilizados.

4 Conclusão

Podemos perceber então que traçar o perfil dos atletas é vantajoso no sentido de reunir mais informações e compreender todo ambiente e fatores que podem influenciar no resultado final da competição, entendendo que qualquer detalhe pode fazer a diferença entre a vitória e a derrota. Dessa maneira identificar possíveis diferenças ou semelhanças nos aspectos psicológicos dos atletas é um investimento na construção de um atleta de referência na modalidade. Neste caso, a percepção de rendimento e a resiliência podem possibilitar a adoção de estratégias mais eficazes nos treinamentos em que o atleta consiga ser mais validado diante das suas individualidades quando se trata de componentes psicossociais, e sobretudo em atletas com comprometimento motor que evidencia ainda mais a importância do conhecimento profundo sobre essa população.

Referências

- BICALHO, Camila Cristina Fonseca; MELO, Gislane Ferreira; NOCE, Franco. Development and validation evidence for the Resilience Scale for Sport (RS-SP). *International Journal of Sport Psychology*, v. 52, p. 494-527, 2021.
- BICALHO, Camila Cristina Fonseca; MELO, Gislane Ferreira; REIS, Cleiton Pereira; SILVA, Amanda Alves da; NOCE, Franco. Avaliação da resiliência psicológica em atletas do basquetebol brasileiro. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 12, n. 1, 2022.
- BOMPA, Tudor. *Periodização e metodologia do treinamento*. 4. ed. São Paulo, SP, Phorte Editora, 2002.
- BJERKEFORS, Anna; THORSTENSSON, Alf. Effects of kayak ergometer training on motor performance in paraplegics. *International journal of sports medicine*, p. 824-829, 2006.

BUFFON, Viviane Aline; DA LUZ, Wagner Henrique; GOMES, Yasmin Netto Costa; SATO, Ronise Martins Santiago; GASPERIN JÚNIOR, Plínio; TABUSHI, Fernando Issamu; BARK, Samir Ale. Perfil epidemiológico das fraturas traumáticas das colunas torácica e lombar submetidas ao tratamento cirúrgico. *Revista Médica do Paraná*, v. 79, n. 2, p. 1683-1683, 2021.

CAMPOS, Marcelo Ferraz de; RIBEIRO, André Tosta; PEREIRA, Clemente Augusto de Brito; SOBRINHO, Jozias de Andrade; RAPOPORT, Abrão. Epidemiologia do traumatismo da coluna vertebral. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, v. 35, p. 88-93, 2008.

CARCAMO-OYARZUN, Jaime; ESTEVAN, Isaac; HERRMANN, Christian. Association between actual and perceived motor competence in school children. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 10, p. 3408, 2020.

CARDOSO, Vinicius Denardin; GAYA, Adroaldo Cesar. A classificação funcional no esporte paralímpico. *Conexões*, v. 12, n. 2, p. 132-146, 2014.

CEVADA, Thais; CERQUEIRA, Lucenildo Silva; MORAES, Helena Sales de; SANTOS, Tony Meireles dos; POMPEU, Fernando Augusto Monteiro Saboia; DESLANDES, Andrea Camaz. Relação entre esporte, resiliência, qualidade de vida e ansiedade. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), v. 39, p. 85-89, 2012.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). Disponível em: <https://cpb.org.br/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

COX, Richard; SHANNON, Jennifer; MCGUIRE, Richard; MCBRIDE, Adrian. Predicting subjective athletic performance from psychological skills after controlling for sex and sport. *Journal of Sport Behavior*, v. 33, n. 2, p. 129, 2010.

CRAFT, Lynette; MAGYAR, Michelle; BETSY, J. Becker; FELTZ, Deborah. The relationship between the Competitive State Anxiety Inventory-2 and sport performance: A meta-analysis. *Journal of sport and exercise psychology*, v. 25, n. 1, p. 44-65, 2003.

DO VALLE, Marcia Pilla. Coaching e resiliência: intervenções possíveis para pressões e medos de ginastas e esgrimistas. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v.1, n. 1, 2007.

EDWARDS, John; BJERKEFORS, Anna; ROSEN, Johanna; TARASSOVA, Olga. Paracanoe. *Handbook of Sports Medicine and Science: Canoeing*, p. 106-115, 2019.

ELFERINK-GEMSERS, Marije Titia. *Today's talented youth field hockey players, the stars of tomorrow? A study on talent development in field hockey*. 2005.

FILHO, Maurício; RIBEIRO, Luiz; GARCÍA, Félix. Personalidade de atletas brasileiros de alto-rendimento: comparações entre os sexos masculino e feminino e correlação com nível de performance e tempo de treinamento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 5, n. 1, p. 31-39, 2005.

FURTADO, Sabrina. As ações, os projetos e o financiamento do Comitê Paralímpico. Brasileiro no período de 2010 a 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

GLEISER, Ilan. *Caos e complexidade: a evolução do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Campus, 2002

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. *Revista do centro de pesquisa e formação*, v. 13, p. 99-112, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, 15 nov. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. “Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 59-82, 2003.

HEVEY, David. Análise de rede: uma breve visão geral e tutorial. *Psicologia da saúde e medicina comportamental*. v. 6, n. 1, p. 301-328, 2018.

HUTH, Karoline; RON, Jill de; GOUDRIAAN, Ana; LUIGJES, Judy; MOHAMMADI, Reza; VAN HOLST, Ruth; WAGENMAKERS, Eric-Jan; MARSMAN, Maarten. Bayesian analysis of cross-sectional networks: A tutorial in R and JASP. *Advances in Methods and Practices in Psychological Science*, v. 6, n. 4, 2023. doi/10.1177/25152459231193334

LELLYS, Larissa Tiburcio; LIMA, Ozéas; FREIRE, Gabriel Lucas Morais; COSTA, Nathan; FIORESE, Lenamar Fiorese; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 24 n. 1, p. 29-38, Jan./Jun., 2023.

LOURENÇO, João; ALMAGRO TORRES, Bartolomé Jesús; SÁENZ-LÓPEZ BUÑUEL, Pedro. Validação do Questionário de Percepção do Rendimento noDesporto (QPRD). *Revista de Ciencias del Deporte*, v. 14, n. 3, p. 195-204, 2018.

MAUERBERG-deCASTRO, Eliane. *Atividade física adaptada*. Ribeirão Preto/SP:Tecmedd, 2005.

MAUERBERG-DECASTRO, Eliane; CAMPBELL, Debra Frances; TAVARES, Carolina Paioli. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 22, p. 111-123, 2016

MORAIS, Normanda Araújo de; KOLLER, Silvia Helena. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*, p. 91-107, 2004.

MORANO, Milena; BORTOLI, Laura; MONTSE, Ruiz; CAMPANOZZI, Angelo; ROBAZZA, Cláudio. Actual and perceived motor competence: Are children accurate in their perceptions?. *PLoS one*, v. 15, n. 5, p. e0233190, 2020.

ROFFÉ, Marcelo. Miedos y presiones: una investigación con 200 futbolistas de diferentes culturas. *Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital*. 2006.

ROSA, João Paulo Pereira; SILVA, Andressa; RODRIGUES, Dayane Ferreira; MENSLIN, Rui; ARAÚJO, Leonardo Tomasello; VITAL, Roberto; TUFIK, Sergio; STIELER, Eduardo; MELLO, Marco Túlio de. A Association between hormonal status, stress, recovery, and motivation of Paralympic swimmers. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 91, n. 4, p. 652-661, 2020.

SANCHES, Simone Meyer. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*. São Paulo. v.1, n.1, p.1-15, 2007.

SARKAR, Mustafa. Psychological resilience: Definitional advancement and research developments in elite sport. *International journal of stress prevention and wellbeing*, v. 1, n. 3, p. 1-4, 2017.

SARKAR, Mustafa; FLETCHER, David. Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. *Journal of sports sciences*, v. 32, n. 15, p. 1419-1434, 2014.

SCHMITTMANN, Verena; CRAMER, Angélique; WALDORP, Lourens; EPSKAMP, Sacha.; KIEVIT, Rogier; BORSBOOM, Denny. Deconstructing the construct: A network perspective on psychological phenomena. *New ideas in psychology*, v. 31, n. 1, p. 43-53, 2013

SILVA, Cláudio Silvério da; DRIGO, Alexandre Janotta. Aeducação física adaptada: implicações curriculares e formação profissional. *Coleção PROPG Digital* (UNESP), 2012.

SILVA, Andressa; NARCISO, Fernando; STIELER, Eduardo; FACUNDO, Lucas Alves; CRUZ, Aline Ângela da Silva; COSTA, Alberto Martins; SILVESTRE, Patrícia; DE MELLO, Marco Túlio. Mapeamento geográfico de atletas paralímpicos brasileiros. *Movimento*, v. 25, p. e25051, 2019.

SOUSA, Gabriel Renaldo de; PINTO, Marília Garcia. Perfil socioeconômico e de prática esportiva de atletas de bocha paralímpica de Santa Catarina/Brasil. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 21, n. 1, 2020.

SYLTA, Øystein; TONNESSEN, Espen; HAMMARSTRÖM, Daniel; DANIELSEN, Jørgen; SKOVERENG, Knut; RAVN, Troels; RØNNESTAD, Bent; SANDBAKK, Øyvind; SEILER, Stephen. The effect of different high-intensity periodization models on endurance adaptations. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 48, n. 11, p. 2165-2174, 2016.

TRUE, Larissa; BRIAN, Ali.; GOODWAY, Jackie; STODDEN, David. Relationships between product-and process-oriented measures of motor competence and perceived competence. *Journal of Motor Learning and Development*, v. 5, n. 2, p. 319-335, 2017.

TWEEDY, Sean; VANLANDEWIJCK, Yves. International Paralympic Committee position stand- Background and scientific rationale for classification in Paralympic sport. *British journal of sports medicine*, 2009.

Notas sobre os autores

Juliana Rodrigues Ferreira Andrade
Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF
juliana.rfandrade@gmail.com,
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2410-5854>

Glacithane Lins da Cunha
Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF
glacithanecunha@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9708-1799>

Jeferson Carvalho Coelho de Gois
Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF
Jeferson.carvalho@discente.univasf.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1017-419X>

Renata Costa Silva
Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF
renatamedeirosilva1986@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1127-208X>

Pedro André Da Silva Lins
Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF
professorpedrolins@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6864-4038>

Iaraildo Pereira de Carvalho
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF
2dupersonal@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0870-4470>

Leonardo Gasques Trevisan Costa
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF
leonardo.gasques@univasf.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7711-205X>

Recebido em: 24/09/2024
Reformulado em: 12/12/2024
Aceito em: 12/12/2024